



Aumento do consumo de antidepressivos

ZÉLIA CASTRO
zcastro@dnoticias.pt

O consumo de antidepressivos continua a aumentar na Região. Segundo dados fornecidos ao DIÁRIO pela delegação portuguesa da consultora IMS Health, especialista na realização de estudos de mercado para a indústria farmacêutica, em 2008 foram vendidas 130.470 embalagens destes medicamentos na Região. Contudo, em 2009, esse número aumentou para 134.846 e, no ano passado, foi registado novo crescimento para as 145.537 embalagens.

Só de 2009 para 2010 verificou-se um aumento na ordem dos oito por cento no que toca à venda destes fármacos. Porém, no primeiro semestre deste ano, esse número diminuiu face a período homólogo de 2010 (72.385, em 2010 e 69.807, entre Janeiro e Junho de 2011).

No que se refere às vendas aos armazénistas, em 2009 foram gastos 2.296.904 euros neste tipo de medi-

camento e, em 2010, 2.397.230, concretizando um crescimento na ordem dos quatro por cento.

Ritmo de vida leva à depressão

O Serviço de Consulta Psicológica da Universidade da Madeira (SCP-UMa) tem registado vários pedidos de ajuda de depressões graves, que segundo a coordenadora e também psicóloga, Luísa Soares, “começam sob a forma de ansiedade que não é tratada e, muitas vezes, evolui para quadros de depressão mais acentuados”. “Estes casos são alvo de um trabalho de equipa em articulação com psiquiatras, em que se conjuga a toma de medicação e do trabalho psicoterapêutico”, explicou.

Para Luísa Soares, “a toma de medicamentos antidepressivos associada à psicoterapia feita por um psicólogo é muito mais eficaz do que a toma de medicação sozinha”. “O ser humano é capaz de adaptar-se às mais difíceis circunstâncias e são nos momentos

NÚMERO DE EMBALAGENS VENDIDAS CRESCEU OITO POR CENTO DE 2009 PARA 2010

de crise que as pessoas com mais fragilidade emocional podem estar mais propensas a uma depressão”, continuou, referindo, no entanto, que é preciso distinguir as depressões exógenas (como a perda de uma casa ou de um emprego), das depressões endógenas, em que há um potencial interno, muitas vezes hereditário, para a depressão.

“Mais do que a crise, eu diria que o aumento das depressões e da medicação tem muito a ver com o ritmo de vida do ser humano nos últimos 30/40 anos”, afirmou, descrevendo-o como “muito centrado no consumismo, na competitividade

de pouco saudável e com pouca agilidade em equilibrar a rotina pessoal, familiar e profissional”.

De acordo com a coordenadora do SCP-UMa, as pessoas que fazem psicoterapia têm menos probabilidade de, no futuro, virem a sofrer de depressão do que as que nunca fizeram. “Parar e reflectir com um profissional treinado sobre formas alternativas de ver uma solução para um problema é um organizador interno muito eficaz”, salientou, vincando que, quando uma pessoa está com depressão, precisa de espaço para falar sobre o que sente.

“É nesse processo de ajuda que ela descobre que vai sendo cada vez mais capaz de fazer diferente e melhor, mas isso leva tempo e um bom profissional de ajuda e a toma de medicação ajuda muito, principalmente na fase inicial de maior inércia da pessoa”, disse, frisando que tudo isto deve ser feito com os devidos profissionais formados.